

2. O caráter do jornalista

É preciso que se entenda o que estou chamando de “caráter” do jornalista, pois será a partir desta primeira definição que novos elementos serão agrupados à identidade deste grupo de profissionais e que um recorte mais específico sobre este será discutido.

Para chegar à ideia de que os jornalistas são um grupo que privilegia aquilo que chamam de elementos práticos na sua formação e identificação enquanto grupo, foi preciso primeiro definir o conceito ligado à identidade do grupo, neste caso, o caráter.

O que chamo de “caráter” foi inspirado em “A corrosão do caráter”, de Richard Sennett. Foi deste texto que retirei o termo e me apropriei dele, de maneira particular, para interpretar a construção retórica de um grupo sobre si mesmo.

Em minha apropriação do termo “caráter” há, ainda, dois eixos fundamentais: o entendimento sobre o que significa *ser* e *fazer* jornalismo. Para ser melhor compreendido e para que se entenda como o grupo ganha forma, é preciso que se entenda o que jornalista entende por *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

Nesse sentido, o “caráter” tem elementos daquilo que o grupo pensa, interpreta como valores comuns aos profissionais (*ser*) e também ações, comportamentos, atitudes que são compartilhadas e tidas como peculiares ao grupo (*fazer*).

Utilizei ainda o texto de Bruno Latour, “Ciência em ação”, onde o autor interpreta e revela características de cientistas de um laboratório a partir de elementos discursivos e ações que não são apresentadas em suas pesquisas finais, para exemplificar como estudos com olhares particulares para um grupo podem produzir discussões sobre sua identidade, sobre seu “caráter”, sendo reveladores de características dos profissionais envolvidos em um mesmo ofício.

Portanto, após definir o que significa “caráter”, é possível interpretar como o discurso do grupo ganha forma e revela traços de como se enxerga e se define, como cria e reafirma suas características a partir de retóricas distintivas, com elementos capazes de unir o grupo em ações e valores comuns e marcantes a eles.

Para entender como o grupo define o que é *ser* jornalista e *fazer* jornalismo, foram realizadas entrevistas com profissionais no início, meio e fim de carreira, com a intenção de traçar um recorte mais específico do “caráter” do jornalista, um traço que pudesse apontar uma característica fundamental para interpretar o grupo. Foram as entrevistas que permitiram a identificação de um discurso de valorização de critérios práticos. Um aspecto que envolve a formação do grupo e de seu caráter, uma construção retórica que é mais que simplesmente um discurso, já que as interpretações e ações que delineiam o grupo são construídas a partir do que se define como “prática”.

2.1. Caráter

Sem nenhuma relação com definições morais, o termo “caráter” deve ser compreendido como as qualidades que ligam os jornalistas uns aos outros e dão a cada um deles um senso de identidade. O “caráter” do jornalista deve ser analisado através da percepção de “como os trabalhadores se relacionam uns com os outros através de seu trabalho” (Sennett, 2010:77).

Em certo sentido, o termo “caráter” cumpre as funções que normalmente são atribuídas ao uso de “identidade”, mas o conceito de caráter enfatiza as ações e interpretações ligadas ao mundo do trabalho. E, como o grupo dos jornalistas forma sua identidade, seu “caráter” em grande parte por sua relação com o mundo do trabalho, o uso deste termo em especial se adequa bem à tentativa de identificação das características que dão coerência à sua formação.

Richard Sennett enfatiza o entendimento do caráter do indivíduo, dos “traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (2010:10)”, pensando fortemente nas relações formadas a partir do mundo do trabalho e questiona se este mundo ainda pode produzir laços fortes capazes de agrupar indivíduos.

O conceito de “caráter” também permite relacionar dois termos que Peter Berger utilizou para identificar os indivíduos em suas sociedades. O “caráter” agregaria os conceitos de “papel social” e de “identidade”, já que o primeiro valoriza a criação de valores e comportamentos dos indivíduos fortemente a partir de sua relação com o mundo do trabalho e o segundo propõe uma percepção de reconhecimento do grupo tanto em situações peculiares ao grupo quanto em situações mais amplas. Por estarem sob o contexto de uma construção social que ultrapassa seu grupo particular, eles precisam se reconhecer também em situações mais gerais, onde indivíduos dotados de outro caráter estejam presentes.

Em “Perspectivas Sociológicas”, Peter Berger enfatiza a possibilidade de o indivíduo ordenar e dar sentido à vida a partir de uma forte ligação com o mundo do trabalho. O autor explica que um indivíduo com um repertório de papéis sociais possíveis tem em seu ambiente de trabalho um lugar de produção de relações sociais que vão além do cumprimento de tarefas semelhantes. Os indivíduos, a partir de suas funções laborais, passam a compartilhar uma forma própria de interpretação e atuação sobre o mundo. Neste enfoque, o papel social do indivíduo está fortemente ligado ao mundo do trabalho, à função profissional do indivíduo, com profundo impacto na formação do mesmo.

Em “A construção social da realidade”, Peter Berger e Thomas Luckmann indicam que, além da valorização do mundo do trabalho, o indivíduo tem uma interpretação da realidade cotidiana geral atrelada a esse papel social. Ou seja, o indivíduo constrói sua percepção da realidade social relacionando aspectos mais amplos à sua formação profissional, fazendo com que as relações e os sentidos conectados ao mundo do trabalho ultrapassem as barreiras do mundo profissional e permeiem as relações desses indivíduos com grupos fora do mundo do trabalho.

Nesse sentido, se reconhecer jornalista, por exemplo, é se reconhecer dentro do grupo, mas também em relação e comparação com aqueles que não são do grupo. A relação com o mundo do trabalho, as percepções e ações que o fazem ser reconhecido como jornalista existem porque ele é reconhecido em seu grupo profissional, mas também através da relação com grupos com os quais se relaciona em outros momentos sociais.

A “identidade” e o “papel social” do jornalista se faz pela semelhança e também pela diferença com outros tipos de profissionais, em situações ligadas ao jornalismo, onde se reconheceria facilmente quem atua na profissão e, também, em situações cotidianas gerais, onde características dos indivíduos deste grupo podem aparecer, mesmo que estes não estejam em ambientes e horários de trabalho.

O que o “caráter” de Sennett busca entender é como a formação dos “papéis sociais” e das “identidades” se renovam num mundo em que as regras sociais gerais e particulares aos grupos se colocam de forma menos linear, num momento de capitalismo mais flexível comparado ao período descrito por Berger e Luckmann. É uma tentativa de atualizar a ideia de “identidade” e o “papel social” do indivíduo e pensar se esta mesma ideia ainda pode ser adotada e ter sentido a partir das atuais relações de trabalho, a partir dos atuais formatos da profissão. O “caráter” tenta dar conta, então, de pensar se ainda é possível encontrar num mundo marcado por relações de instabilidade e de laços fracos entre indivíduos e instituições, entre elas o trabalho, traços que ainda são capazes de se somar à identidade do indivíduo.

Como exemplo de dificuldade de criação de percepção de identidade a partir do mundo do trabalho, Richard Sennett explica que atualmente não há mais a perspectiva de carreiras em um mesmo local por um longo prazo e tenta demonstrar isso ao citar que “um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos onze vezes no curso do trabalho (2010:22)”.

Uma flexibilidade que trouxe, segundo Sennett, dificuldade de produção de ligação entre o trabalho e a identidade do indivíduo, devido à reinvenção das instituições. Os novos trabalhos onde existem múltiplas tarefas a cumprir, a especialização flexível de produtos e serviços, com pequenos grupos designados a muitas tarefas e profissionais mais focados na descentralização do poder não incentivam formas de trabalho estáveis e capazes de produzir relações mais fortes com os indivíduos que atuam nessas funções. Assim, não há tempo para que se criem laços, códigos, práticas e sentimentos que coloquem o trabalho como fonte de produção de identidade.

Dessa maneira, quando escolhemos interpretar a atuação de um grupo de profissionais sobre o mundo, temos uma tarefa mais complexa, já que a formação de um grupo de indivíduos a partir de um modelo de trabalho com formato e tempo consolidados pode não ser mais a principal fonte para se encontrar as características do grupo. As mudanças constantes dos locais, das tarefas e dos colegas de trabalho são alguns dos aspectos que dificultam a possibilidade de relação entre indivíduos com potencial de criação de laços mais sólidos de identificação entre eles.

Mas, o que por um lado parece ser um fator que dificulta a pesquisa sobre grupos de indivíduos, por outro, pode dar margem a um caminho para se compreender quais são as relações, ações e interpretações capazes de ligar indivíduos e fazê-los atuarem e interpretarem o mundo ou, ao menos, parte dele, de modo semelhante. Se elementos como a estabilidade do mundo do trabalho não dão mais conta de explicar ou identificar o que leva indivíduos a se perceberem enquanto grupo, outros elementos o farão. O próprio Sennett admite que, mesmo tendo ocorrido mudanças nos tipos e relações de trabalho, ainda há nele um potencial de percepção sobre um grupo. E diz que

a experiência do trabalho ainda parece intensamente pessoal. Essas pessoas são fortemente impelidas a interpretar seu trabalho como refletindo sobre si mesmas, como indivíduos (Sennett, 2010: 83).

Assim, o mundo do trabalho ainda é relevante na conformação do perfil, do caráter do grupo, sendo necessário pensar em interpretar as relações do grupo sob novos olhares, com novas perspectivas de análise sobre este mundo do trabalho e os grupos que ele forma.

2.2.

Ser e fazer jornalismo: dois eixos do caráter

Para encontrar aquilo que é capaz de unir o grupo, suas características comuns, é preciso pensar o “caráter” a partir de dois eixos: *ser* e *fazer*. Isso significa dizer que é preciso olhar para aquilo que os profissionais apresentam como ações práticas, comportamentos comuns reconhecidos pelos indivíduos do mesmo grupo e distintivos com relação a indivíduos que não fazem parte do grupo. E, ao mesmo tempo, perceber a interpretação, os entendimentos, os valores

que ajudam os indivíduos a se relacionarem e a darem sentido aos comportamentos que produzem e reproduzem.

Portanto, estes dois eixos do caráter não atuam de modo excludente. Quando dizemos que o caráter do jornalista é composto por elementos ligados a valores, regras e interpretações sobre sua profissão (*ser*) e atitudes, comportamentos e linguagens pertinentes ao grupo (*fazer*), estamos falando de eixos que convivem, se alimentam, se justificam e operam juntos na formação do “caráter” do jornalista.

Dessa forma, o modo de atuação do jornalista (*fazer*) e como ele se vê, como transforma em valores sua atuação (*ser*) são partes constitutivas do caráter e atuam de maneira igualmente importantes para a formação desta identidade particular.

Ser jornalista é compartilhar de sentimentos, valores, regras e interpretações sobre a profissão. É entender que existem códigos do grupo que têm sentido e que precisam ser seguidos, valorizados, afirmados e reafirmados.

Fazer jornalismo é produzir e reproduzir em atitudes, em práticas aquilo que condiz com os valores e códigos do grupo. É reproduzir em ações estes sentimentos e valores que o grupo compartilha. É atuar de modo distintivo, de modo a serem reconhecidos como integrantes do grupo a partir de suas ações, seus comportamentos.

2.3. Elementos de construção do caráter

Latour (2000) queria saber se o objeto final¹ por si só seria capaz de evidenciar o processo de construção e as características do grupo que o construiu. Ao divulgar os bastidores do trabalho científico, normalmente ocultado, mostra o quanto ele faz parte da formação do “caráter” do cientista. Dessa forma, o “objeto final”, aquilo que foi construído em laboratório, existe por causa de um caminho peculiar e identitário do grupo que o representa. E o faz revelando que conversas

¹ “Objeto final” pode servir tanto para objetos concretos quanto para teorias, textos e conteúdos abstratos. Um objeto científico pode ser um argumento, uma vacina, uma fábrica, uma nova teoria, etc.

informais, escolhas políticas e retóricas de certos caminhos de trabalho e demais ações internas do grupo são primordiais no entendimento de formação de um grupo, com suas convergências e divergências.

Com esta análise, traz à tona um “ser cientista” e um “fazer científico” que faz parte daquilo que constitui o caráter do cientista, mas que ficava escondido nos bastidores dos laboratórios. São comportamentos, atitudes, protocolos e diversas ações que revelam modos de um “fazer científico”, além de percepções de grupo das manifestações práticas e simbólicas que conferem a ele uma identidade, um “ser científico”. Da prática à teoria, do comportamento à identidade, do formal ao informal, o processo de construção de um objeto científico também revela o “caráter” do grupo.

As relações e disputas internas e as práticas no laboratório que parecem inexistentes no trabalho científico final são reveladas através da análise do processo de trabalho do cientista e do engenheiro. O que Latour apresenta é que a formalidade do trabalho final, o modo de escrever e de apresentar um dado científico não é capaz de mostrar o processo anterior a esta construção.

E mais, é no processo que se percebe como o objeto final é debatido e pensado, até se tornar o “representante” do trabalho científico. Isso não quer dizer que o trabalho final seja sozinho o que representa o grupo, ainda que seja ele escolhido pelo grupo com esta finalidade, pois comportamentos, disputas internas por verbas, diretrizes, discursos, linguajares, jargões, titulações, hierarquias podem não ser evidentes, mas também são parte tanto do objeto final quanto das características do grupo.

Se as características do cientista não são formuladas também a partir da formação de um “caráter” que leva em consideração o processo de construção de seu objeto, fica o cientista restrito ao “caráter” do objeto final:

... quase ninguém está interessado no processo de construção da ciência. (...) [ainda mais] (...) os leigos [que] não sabem como se cria este campo de métodos comuns (Latour, 2000:34,35).

Para conceber o “caráter” do cientista, a intenção de Latour não foi:

analisar os produtos finais (...),[mas seguir] cientistas e engenheiros nos momentos e nos lugares nos quais planejam uma usina nuclear, desfazem uma teoria cosmológica, modificam a estrutura de um hormônio para a contracepção ou desagregam os números usados num novo modelo econômico (Latour, 2000:39).

E foi a partir de um olhar interessado sobre um grupo profissional específico que ficaram evidentes as escolhas nem sempre científicas dos “objetos científicos” e de elementos formadores do caráter do grupo. As escolhas políticas que envolvem o “objeto”, as relações de força entre os cientistas e suas disputas pela validade científica do “objeto” pesquisado são, assim, parte relevante na construção e característica do “objeto final” e do grupo que o construiu.

Nesse sentido, além das percepções de grupo criadas a partir da divulgação do produto final, o processo até a divulgação do trabalho científico e as interações do grupo apresentam caminhos pouco ou até desconhecidos e que também são parte relevante das características do grupo.

No caso do jornalismo, penso ser possível buscar elementos de construção do “caráter” do jornalista a partir de elementos que não sejam apenas o resultado final de seu trabalho, como uma reportagem, entrevista, etc. Existem outras formas de analisar o grupo dos jornalistas, a fim de buscar suas características, sua construção daquilo que entende como *ser e fazer* jornalismo e que são importantes na construção da percepção de seu “caráter”.

Os jornalistas também são um grupo que apresenta potencial para que sejam encontradas características a partir de um olhar sobre suas práticas e valores, um grupo com aspectos que conferem especificidades ao mesmo, a partir de análises que não sejam focadas simplesmente no “objeto final”.

Portanto, assim como Bruno Latour encontrou características marcantes dos cientistas a partir de uma pesquisa que deu atenção não apenas ao seu trabalho final, a produção científica divulgada ao público, acredito ser possível descobrir traços comuns aos jornalistas a partir da percepção e interpretação de suas práticas e discursos anteriores ao seu “objeto final” e, nesse sentido, perceber quais são os

elementos que fazem com que eles se identifiquem com outros indivíduos do mesmo grupo.

2.4.

Entrevistando entrevistadores: em busca de um recorte do “caráter” do jornalista

Para delinear as características mais marcantes dos jornalistas, o que significa para o grupo *ser e fazer* jornalismo, um dos procedimentos da pesquisa foi a realização de entrevistas com profissionais da área. Em um primeiro momento, ainda em minha fase de Qualificação, foram escolhidos seis jornalistas do Rio de Janeiro, que atuam ou atuavam em jornais impressos, e de diferentes “gerações”. Escolhi este termo para dividir aqueles que começaram na profissão ainda no período da ditadura militar, aqueles que começaram após os anos 1980 e aqueles que começaram a carreira após os anos 2000.

Esta divisão buscou selecionar três grupos de jornalistas, pois os diferentes períodos de escolha da profissão poderiam produzir depoimentos com percepções distintas sobre o jornalismo. Mas, ao mesmo tempo, também poderiam consagrar questões relativas ao grupo, independentemente do recorte geracional.

Com esta separação geracional pretendia criar uma forma de problematizar se há mesmo uma igualdade nas percepções sobre o que significa *ser e fazer* jornalismo ou se ela pode ser diferente quando se leva em consideração, por exemplo, as histórias de vida ou a conjuntura social do país no momento de atuação deste profissional, etc. Assim, seria possível percorrer as mudanças do jornalismo nos depoimentos dos seus profissionais e também perceber as modificações no seu modo de atuação, divulgação, apuração, no perfil dos profissionais, no perfil dos meios de comunicação, etc. Além disso, seria possível perceber como todas essas mudanças também fazem parte do processo de transformações sociais mais amplas, não apenas relacionadas especificamente ao jornalismo.

Esta divisão em gerações também tinha a intenção de identificar características da formação da identidade e atuação comum ao jornalista, colher depoimentos que pudessem identificar modos de *ser e fazer* jornalismo que

ultrapassassem as barreiras do tempo, contribuindo para a concepção do grupo em uma unidade de práticas e valores.

As entrevistas foram realizadas de maneira confidencial, para que os entrevistados pudessem realmente se expressar livremente. Nesse sentido, a não identificação do profissional ou sua imagem tinha o intuito de deixar o profissional à vontade para expressar sua opinião, importando mais seu depoimento que sua identificação.

Nesta etapa, a escolha foi orientada por critérios qualitativos:

a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado da sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (Alberti, 2005:31,32).

Sendo assim, os informantes selecionados tinham papel estratégico no entendimento da formação do “caráter” do jornalista, por serem eles a “categoria nativa de pensamento” (Cambraia, 2007:163).

O questionário² foi organizado de maneira aberta, para que as perguntas pudessem levar a caminhos amplos, não restringindo o entrevistado a um tema determinado. Este cuidado era importante, pois aquilo que fosse, por exemplo, um traço comum ou peculiar dos entrevistados deveria surgir sem um direcionamento dado a priori. Apesar de os entrevistados serem aqueles que selecionam o quê e como dizer nas entrevistas, tentei criar um questionário que não tratasse especificamente sobre um tema, mas que abordasse diversas questões relacionadas ao jornalismo sem apontar para nenhuma direção nítida.

Portanto, nesta etapa foi relevante selecionar pessoas que pudessem contribuir com suas experiências profissionais, pessoais e acadêmicas para o processo de “constituição da identidade do jornalista, (...) para suas formas de adesão e comprometimento com a profissão e com o grupo” (Travancas, 1993:13,14).

² O questionário desta etapa de entrevistas encontra-se em anexo (Anexo I) para consulta.

Nesse sentido, as entrevistas iniciais serviram como elemento-chave para a construção de meu argumento, pois forneceram importantes elementos para a construção do “caráter” do jornalista, entre eles a valorização dos aspectos tidos como práticos como sendo os mais relevantes nos modos de *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

2.5. Profissionais do jornal impresso

A escolha de jornalistas com atuação em jornais impressos se deu pois, para alcançar profissionais de diferentes gerações, era necessário escolher um veículo de comunicação que estivesse presente como ambiente de trabalho a todos os profissionais entrevistados. Os jornais impressos como opção de trabalho das gerações entrevistadas serviria como um ambiente comum ao grupo, um local onde os profissionais partilham e criam seus modos de *ser* e *fazer* jornalismo. E, além disso, os jornais impressos possuem grande relevância para o jornalismo, por serem veículos capazes de fazer circular a notícia por grandes espaços territoriais e por terem a potencialidade de informar a população e de se tornar parte de sua rotina.

É o que analisa Michael Schudson em “Discovering the news. A Social History of American News Papers (1978)”, ao descrever as mudanças no jornalismo norte-americano e como estas mudanças acompanham as mudanças sociais do país. Segundo Schudson, a imprensa cresce desde o século XVII com as mudanças democráticas e de mercado no país e daí em diante as mudanças no jornal impresso servem como exemplo na mudança do perfil social.

Para ele, a expressão de uma nova sociedade poderia ser percebida nas mudanças que aconteciam nos jornais. Assim, os avanços tecnológicos, os avanços nos meios de transporte, o aumento da população alfabetizada, o crescimento das cidades, as mudanças políticas e de mercado são algumas das várias razões para o desenvolvimento da imprensa e aí reside a importância social deste veículo para o desenvolvimento do jornalismo e também para o desenvolvimento social.

E esta relevância dos jornais impressos se confirma, segundo pesquisa realizada nos Estados Unidos e registrada no livro “The American Journalist in the 21st Century (2007)³”. A pesquisa, que revela dados quantitativos e qualitativos sobre a prática do jornalismo nos Estados Unidos, divulga que a maioria dos jornalistas contratados para trabalhos jornalísticos em tempo integral atuam em jornais impressos. Tal relevância parece ter se mantido ao longo dos anos, já que esta pesquisa confirma o grande número de profissionais atuando em jornais impressos desde os anos 1970, ano de início desta coleta que se renova a cada dez anos.

Segundo o estudo, nos anos 1970 os jornais impressos diários empregavam aproximadamente 56% dos profissionais de jornalismo. Nos anos 1980, este número caiu para 46%, com o aumento de empregos em veículos como rádio e TV, mas, ainda assim, constituíam a maioria dos empregos. Nos anos 1990, o número volta a crescer e chega a 55% das contratações de empregos em tempo integral. E em 2002, último ano de coleta de dados, o número de jornalistas trabalhando em jornais impressos atingia o índice de 50% (Weaver, 2007:02).

No Brasil, a importância do jornal impresso pode ser percebida através do expressivo número de exemplares que circula diariamente pelo país. Segundo a Associação Nacional de jornais (ANJ) e o Instituto Verificador de Circulação (IVC), no ano de 2013, setecentos e vinte e dois jornais produziam todos os dias, mais de oito milhões e quatrocentos mil exemplares⁴.

A pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro” aponta a relevância dos jornais impressos, ao apresentar que 41,8% dos jornalistas entrevistados no estudo trabalham para este setor da mídia. O número de jornalistas brasileiros

³ A pesquisa “The American Journalist in the 21st Century (2007)” é resultado de uma atualização de dados sobre o perfil dos jornalistas norte-americanos realizada a cada dez anos, desde os anos 1970. O material inclui dados e análises sobre gênero, raça, classe social, percepção sobre teoria e prática jornalística, divisão regional dos empregos na área, formação acadêmica, base salarial, identificação partidária, principais áreas de atuação etc. Os dados, com base em mil e quinhentas entrevistas com jornalistas norte-americanos, apresentam o perfil dos profissionais que atuam nos Estados Unidos.

⁴ Fonte: Associação Nacional de Jornais: www.anj.org.br

empregados em jornais impressos só perde para o número de profissionais que atuam na área de Internet (44,6%)⁵.

Estes dados ajudam a reforçar a presença do jornal impresso como veículo de comunicação de referência na sociedade, com a circulação e presença diária na vida da população, e também a apresentá-lo como local que acolhe uma parcela representativa dos jornalistas brasileiros que estão no mercado de trabalho.

2.6.

O questionário (Anexo I)

Entre quarenta minutos e uma hora e meia. Este foi o tempo que os profissionais entrevistados levaram para responder as perguntas do questionário produzido. Com questões que buscaram contemplar as diferentes fases da vida do profissional; aspectos sociais de sua vida; o período acadêmico e profissional de cada entrevistado; sua rotina de trabalho; a discussão de termos e materiais relacionados ao jornalismo; critérios de seleção profissional; elementos característicos do grupo e opiniões pessoais sobre o que é *ser* e *fazer* jornalismo, busquei me cercar de questões que trouxessem possibilidades de identificar características relevantes do grupo.

O questionário continha perguntas tais como a relação do entrevistado com meios de comunicação em diferentes períodos de sua vida; vida acadêmica e vida profissional; aspectos familiares, como profissão dos pais, situação financeira da família, acesso a meios de comunicação em casa; as memórias dos meios de comunicação presentes em sua vida.

Também havia perguntas para saber sobre o caminho percorrido até a escolha da carreira, tais como as razões para a escolha da faculdade de Jornalismo, para aqueles que cursaram a graduação em Jornalismo; a imagem que faziam sobre os modos de atuar na profissão; a receptividade da família quando souberam da escolha da profissão.

⁵ A pesquisa **Perfil do Jornalista Brasileiro (Mick, 2013)** entrevistou dois mil setecentos e trinta e um jornalistas de todo o país no ano de 2012, produzindo dados relativos a características demográficas, políticas e particularidades do trabalho jornalístico.

Questões sobre o período acadêmico foram realizadas para saber o que o profissional lembrava acerca deste período e para que o jornalista pudesse citar aquilo que foi relevante ou irrelevante na sua formação e na formação do seu caráter, a partir da experiência adquirida durante esta fase.

O questionário prossegue indagando sobre as mudanças na percepção sobre a profissão quando comparadas as experiências acadêmicas e profissionais, ou seja, se há, na percepção do jornalista, diferenças no modo como ele percebe o que significa *ser* e *fazer* jornalismo quando compara sua fase acadêmica e sua fase prática, de trabalho e estágio em jornalismo.

Além disso, era importante saber sobre a relação entre os profissionais de diferentes gerações, o convívio e a possibilidade de convergências e divergências sobre as ideias do que significa *ser* e *fazer* jornalismo.

Também havia perguntas visando entender que elementos são capazes de reunir os indivíduos enquanto grupo, que critérios distintivos do grupo existem e tornam possível perceber que certos indivíduos pertencem a esse mesmo grupo.

Sendo ainda mais amplo, o questionário pedia para os profissionais comentarem se acreditavam haver um perfil específico do jornalista, sendo este perfil físico, social, de personalidade etc.

Termos usados no jornalismo, tais como imparcialidade, ética, verdade, anonimato da fonte também foram citados, para que os profissionais pudessem comentá-los e para que pudessem explicar a relação existente entre tais termos e sua profissão. O uso e relevância do Manual de Redação também foram tratados.

Temas como a relação entre publicidade e jornalismo e os critérios para seleção de profissionais, sendo eles por indicação ou outros meios de escolha dos meios de comunicação de seus jornalistas foram abordados.

O dia a dia da profissão foi outro quesito da entrevista, onde os jornalistas descreveram seu ambiente de trabalho e sua rotina profissional. Também foi bastante relevante saber qual é, na opinião dos entrevistados, o papel do jornalista,

bem como pedir aos profissionais uma definição sobre o que, para eles, significa *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

2.7.

Informações obtidas a partir do questionário: os traços incomuns

Nesta etapa da pesquisa, foi possível perceber a existência de elementos que separavam os jornalistas entre si e que não conferiam ao grupo uma homogeneidade de entendimentos sobre o *ser* e o *fazer* jornalismo, mas foram encontrados, principalmente, elementos relevantes sobre o caráter do jornalista baseados em características comuns ao grupo.

Entre as diferenças identificadas havia percepções distintas sobre a profissão baseadas nas diferenças entre as gerações e nos diferentes momentos sociais de escolha e atuação profissional. Além deste fator, as gerações também apontaram que o veículo de comunicação que serviu de referência ao profissional sofreu transformações.

Os diferentes meios de comunicação que surgem como referência na vida do jornalista e os momentos sociais distintos que as gerações atravessam criam formas de atuação e motivações diferenciadas pela profissão. Enquanto o período da ditadura produziu jornalistas que tinham os jornais como veículos de referência, como local de participação social, mesmo que muito limitada pela censura da época, os jornalistas dos anos 1980 escolheram a profissão a partir de influências do momento de transição em que se encontravam a sociedade brasileira e os jornalistas.

Assim, os jornalistas dos anos de 1980 oscilam entre a atuação anterior de caráter investigativo e denunciante dos problemas sociais que caracteriza os profissionais da época da ditadura e de valorização do jornal como meio de comunicação mais influente e a nova linguagem e postura de profissional objetivo e descritor dos fatos que se desenvolve com o jornalismo mais “profissional” e “imparcial”, com menções ao papel da televisão nesta mudança. Portanto, há uma transição de percepção dos modos de trabalho e do meio de comunicação que serve como referência.

Já jornalistas da geração pós-anos 2000 formulam a imagem da profissão primordialmente a partir das referências de linguagem e abordagem televisiva: é a TV que está presente nas casas dos futuros jornalistas desta geração e que foi primordial na escolha da profissão. A televisão faz parte do universo deste profissional desde sua infância e não há como cogitar a escolha da profissão sem associá-la ao modo de trabalho do profissional de TV.

Esta última geração também tem um novo e forte referencial, a Internet, ferramenta capaz de produzir um volume e diversidade de notícias inimaginável tanto no jornal quanto na televisão. Este veículo criou uma nova relação com a informação, pois ela é produzida momentos após ou até mesmo durante um fato ocorrido. Nesse sentido, afeta o padrão de apuração e edição, afeta a construção da realidade que se modela com o nome de notícia.

O meio de comunicação que surge como referência para o entrevistado, ou seja, aquele mais utilizado pelo entrevistado, muda conforme as gerações. Para aqueles da geração anterior aos anos 1980, o jornal impresso aparece como a maior referência, primeiramente através de seus pais, que iam às bancas para comprá-lo e, posteriormente, com a ida espontânea do próprio entrevistado.

O rádio também foi citado como meio de comunicação importante da época, mas o jornal tinha mais relevância na escolha da profissão e no imaginário do então jovem-futuro-jornalista:

“Eu ia toda quinta-feira na banca pra comprar o Pasquim, tempo de colégio, tinha o Jornal do Brasil nesta época lá em casa, e aí eu comecei a me interessar pela informação, com uns 15, 16 anos”.

E ainda:

“Eu ficava pensando em como ia ser escrever sobre as coisas que eu gostava: política e carros. Por causa da censura, acabei indo parar numa revista automobilística. Me lembro que eu fiquei igual um pinto no lixo, né? E eu ainda tinha a minha máquina de escrever, porque era assim que se fazia um jornal.”

Outro entrevistado desta geração completa sobre a influência do jornal em sua vida:

“Eu gostava muito de jornal, principalmente do Correio da Manhã, do segundo caderno deles. Mas quando eu comecei, comecei num jornal pequeno que, apesar de ser na época muito vendido, competia com O DIA e a melhor escola pra um grande jornalista é entrar num jornal pequeno, porque ali você pode saber tudo. Foi a partir daí que eu engrenei na profissão”.

O momento social da escolha da profissão para esta geração estava limitado por condições políticas particulares, mas estar num jornal era, ainda assim, um modo de participar ativamente da sociedade. Segundo este mesmo jornalista:

“Eu peguei uma época em que você podia trabalhar em apenas algumas áreas e a reportagem policial tomou muito o lugar no espaço da política porque a imprensa estava amordaçada, aí então eles investiram muito no caderno policial. E eu entrei de cabeça no jornalismo investigativo, era uma forma de denunciar coisas que estavam erradas.”

Estes profissionais encaravam a profissão, com suas ações e identidade, apesar das suas limitações, como uma “nobre missão de revelar pedaços do mundo e de tentar elevar a consciência, provocando indignação justa e ampliando a participação e a cidadania (DaMatta, 1999:20).”

Já para os jornalistas da geração pós anos 1980, o rádio e o jornal impresso continuam a existir enquanto fonte de informação, mas perdem espaço, com a força da televisão. Os depoimentos abaixo ajudam a mostrar a transição de importância do jornal impresso para a TV. No primeiro, uma jornalista mostra que ainda há nos profissionais dos anos 1980 uma referência de função social e perfil transformador comum nos depoimentos dos profissionais da geração anterior:

“Na verdade, eu fui fazer jornalismo mais pela função social que eu acreditava da profissão. Eu cheguei a acabar o curso de Direito, mas no final não me identifiquei muito nem com os colegas nem com o curso, pelo perfil mesmo. Eu entrei na profissão pela questão de eu achar que poderia, uma coisa bem ingênua, ajudar a construir um mundo melhor”.

Já no segundo, uma profissional desta mesma geração já admite a influência da televisão e de novas expectativas com relação ao que significa ser e fazer jornalismo:

“Comecei a gostar do jornalismo prestando atenção no Jornal Nacional. Eles mostravam sobre as Diretas Já, sobre histórias interessantes e contavam com uma linguagem, com um jeito que parecia que aqueles jornalistas eram mais inteligentes que os demais mortais.”

A televisão ganha espaço na vida familiar brasileira e mais pessoas têm acesso à profissão do jornalista com esta nova linguagem de divulgação da notícia. E é ela que, já nos anos 1990, cria uma linguagem para “ganhar as massas”. Sua nova linguagem e sua busca por grandes audiências moldam o jornalismo e a notícia também precisa se tornar acessível, com uma linguagem para atingir o grande público.

Dessa forma, os jornalistas dos anos 1980 ainda estão, por um lado, apegados às definições de ser jornalista reforçadas pelo grupo antecessor, com ênfase nos veículos impressos, modos de escrita e relações com a notícia de perfil transformador e cujo texto pode produzir impacto social, e, de outro lado, sendo absorvidos pela força da linguagem televisiva, que também traz para o modo de ser e fazer do jornalista novas características, como a rapidez em relatar os fatos, o uso de imagens para confirmá-los, uma nova linguagem que faz da informação uma ferramenta objetiva, etc.

O que se percebe nesta geração é que a transição do jornal impresso para a televisão impactou diretamente a percepção sobre o caráter da profissão, aquilo que se espera do trabalho do jornalista. Se o jornal esconde a imagem do jornalista e dá a ele a sensação de que seu texto, embora seguindo critérios formais de imparcialidade e objetividade na cobertura dos fatos, ainda é capaz de denunciar, de apresentar questões e “pedaços ocultos ou distantes do mundo para pessoas que simplesmente vivem a vida, reagindo aos eventos que as atingem ou talvez sem nenhuma reação a qualquer fato de perto e de longe” (DaMatta, 1999:23) e, com isso, ajudando na transformação social, a televisão expõe a imagem do jornalista, mas diminui a percepção entre os profissionais de que esta é uma função questionadora da realidade social.

Os entrevistados dos anos 2000 já têm a televisão como veículo consolidado de fonte de informação e de referência. As linguagens e estrutura das reportagens televisivas já entram no imaginário ideal da notícia, deixando, na opinião dos entrevistados, o jornal impresso com menos importância, o que se tornou evidente, por exemplo, com a diminuição das tiragens. Nesse sentido, os futuros jornalistas que têm como referência este veículo percebem os eventos a

partir da edição e construção da realidade produzida por este meio de comunicação.

Durante o período de infância e adolescência dos entrevistados da geração mais recente, seguir a profissão do jornalismo tem como inspiração os apresentadores e jornalistas da televisão, personagens e não apenas transmissores de notícias, figuras cuja identidade é clara e não apenas um transmissor da informação sem rosto nem atitude, como nos jornais. Nesse caso, os jornalistas são reconhecidos não apenas pelo grupo, mas por todos os telespectadores. Eles possuem destaque de celebridade, por serem detentores da informação e terem, ainda, a projeção de sua imagem.

Além de terem esta projeção pessoal, ganharam, a partir desta imagem, segundo Michael Schudson, um personagem: o personagem de tradutor, que serve a um público “mal equipado para analisar por si próprio o significado dos eventos (Schudson, 1982:100).” Ou seja, atuam como tradutores e intérpretes dos eventos que selecionam a partir dos critérios de formação do grupo e expandem esta tradução e interpretação dos eventos para o grande público social emprestando sua imagem.

Além disso, para os jornalistas dos anos 2000, as informações que circulam em tempo real pela Internet afetam o modo de *ser* e *fazer* jornalismo. Criou-se um ciberespaço e um cibertempo⁶ cuja velocidade de divulgação de uma notícia ultrapassa as possibilidades dos outros veículos de comunicação de seleção, apuração, edição e divulgação da imagem.

O que a Internet trouxe ao jornalismo, segundo os entrevistados, foram mudanças na velocidade de divulgação de um conteúdo e atualmente grandes empresas de comunicação social agregam em suas aquisições portais on-line com conteúdos que serão divulgados no jornal impresso ou em matérias televisivas e muitos outros conteúdos que, por critérios de tempo e ordem de importância, não são divulgados nem na televisão nem no jornal impresso.

⁶ Para uma discussão interessante sobre a postura dos indivíduos no espaço virtual, com suas impressões sobre tempo e espaço, ver Sternberg, 2012.

Além das mudanças na importância dos meios de comunicação, que passaram da força dos jornais impressos para a TV e hoje têm a TV e competição acirrada com a informação em tempo real da Internet e das mudanças no perfil de atuação do jornalista, há a percepção do grupo sobre a importância de seu trabalho interna e externamente.

É possível notar que jornalistas da geração anterior aos anos 1980 percebiam no jornalismo a possibilidade de, segundo um dos entrevistados, “atuar de alguma forma numa sociedade onde não havia muito onde atuar”.

Ou seja, a manifestação escrita comum a uma época de grande força dos veículos impressos ainda era tida como uma forma de tentar falar sobre acontecimentos sociais, mesmo que estes fossem retratados sob censura. São jornalistas que se colocam como transformadores e investigadores sociais.

Num dos depoimentos fica bem claro que usar a escrita e estar num local onde se fala e se apuram coisas que estão acontecendo no cotidiano da cidade e do país é uma possibilidade, mesmo que pequena, já que não havia como realizar uma escrita abertamente crítica, de não deixar escapar a observação sobre os fatos:

“Eu escrevia sobre automóveis porque tenho paixão por carro e fiz uma boa escolha, pois a censura não me freou de escrever, mas sei que tinha muita gente que preferia dar uma notinha sobre algo que aconteceu sem importância do que ficar sem escrever.”

O segundo depoimento é ainda mais marcante nesse sentido, pois o jornalista que atuou em um jornal de um grupo estudantil, ao ser contratado por um veículo de grande circulação, revelou:

“Eu sabia que a editoria de Política do jornal não ia me deixar escrever, aliás, o espaço de política ficou bem pequeno, e começaram a dar mais importância pra editoria Policial. Foi pra lá que eu fui. Achei que era um jeito de denunciar coisas que estavam erradas.”

A geração pós-1980 passa, na sua percepção sobre atuação e participação como jornalista, por um processo de transição de razão pela qual escolheram atuar no jornalismo. Percebem que devem se portar conforme a lógica do trabalho em sua atualidade e não voltando para um tempo que não existe mais. Quer dizer,

mostra a transição entre os fins mais idealizados do que é fazer jornalismo e o lado mais “prático” da profissão.

Por exemplo, uma jornalista entrevistada mostra bem esta transição quando diz:

“Eu sou um pouco diferente, pois pensei em entrar no Jornalismo porque a faculdade de Direito que fiz não mostrou que minha atuação poderia ser de um transformador social e achei que o Jornalismo poderia dar este caminho”.

Quando a jornalista se diz “diferente”, está se colocando como parte menor do grupo de jornalistas que, assim como os meios de comunicação, passam por transformações nas motivações pela escolha da profissão. Isso se dá já que a maioria dos jornalistas dos anos 1980 já tinha a televisão como veículo que fazia parte da formação do caráter de jornalista e seu perfil estava atrelado ao perfil televisivo de apreensão da realidade.

Profissionais mais recentes citam inúmeros programas jornalísticos da televisão como influenciadores da escolha da profissão. Neles, há um enfoque grande na imagem do jornalista e na “glamourização” deste profissional, que se torna uma figura divulgadora da realidade. São, ainda, estes profissionais um modelo de credibilidade, conhecimento e de narrativa clara sobre a realidade social:

“Quem nunca sonhou em ser a próxima Fátima Bernardes ou William Bonner? Você percebe que eles passam credibilidade, você olha pra eles e percebe que eles sabem o que estão falando.”

O que parece diferenciar fortemente as gerações é exatamente a motivação para a escolha da profissão. Enquanto o uso da escrita e da palavra era visto pela geração anterior aos anos 1980 e parte da geração dos anos 1980 como um poderoso instrumento de mudança da situação política brasileira, hoje esse uso da escrita e da palavra ganha uma nova configuração de importância, segundo os entrevistados, um “glamour de que a informação é parte de um privilégio de um grupo de autoridade” e que este conhecimento de informações “já não faz parte de uma prática fiscalizadora ou questionadora social”.

A mudança nas referências de veículos de comunicação, motivação para a escolha do trabalho e percepções sobre o valor de ser jornalista também passam pelos momentos sociais da escolha da carreira e pelos modelos que existiam para esta escolha. Enquanto o jornalista dos anos da ditadura militar tinha nos jornais um local onde podia realizar, pelo menos, o exercício da escrita, os jornalistas dos anos 1980 estavam em transição de referência, ficando entre as concepções dos profissionais da geração anterior e as novas possibilidades de atuação e linguagem, como a televisão. Já os jornalistas da geração mais recente colocam em sua formação de caráter práticas e referências distintas, num perfil de profissional mais “objetivo e imparcial”, mesmo tendo como referência profissionais cuja notícia está diretamente ligada a uma imagem pessoal.

Não há como não pensar nas mudanças sociais que ocorreram quando se problematizam as razões de mudança de percepção do papel social do jornalista. “O campo jornalístico, age, enquanto campo, sobre outros campos (Bourdieu, 1997:81)” e acaba tornando a influenciar mudanças em seu próprio campo. Assim, o perfil do jornalista muda com as alterações internas (do grupo) e externas (sociais).

	Profissional pré-Anos 1980	Profissional pós-Anos 1980	Profissional pós-Anos 2000
Modelo de atuação	Transformador e investigador social	Transitório entre transformador social e tradutor da informação	Tradutor da informação
Veículo de referência	Jornal e Rádio	Transitório entre jornal e televisão	Televisão e Internet
Momento Social	Ditadura Militar	Retorno à democracia	Democracia

Quadro 1: Comparativo das dimensões analisadas.

2.8.

Informações obtidas a partir do questionário: traços comuns

Entre os traços comuns identificados nas entrevistas iniciais, destaco o pertencimento destes profissionais a famílias de classe média e a possibilidade de acesso que esta classe proporcionou para a escolha desta carreira; o talento inato; a utilização de mecanismos de controle do processo da notícia, ou seja, da seleção,

apuração, edição dos fatos selecionados; a percepção de falta de rotina no trabalho jornalístico; o critério de seleção dos profissionais e a formação “prática” do caráter do jornalista.

Destas questões comuns aos jornalistas, os dois primeiros temas fazem parte da formação do caráter do jornalista ainda antes dele fazer parte do grupo. A trajetória pessoal do indivíduo, por conta de seu capital econômico, escolar, familiar e cultural influencia a escolha da profissão; mas estando ele, ainda, fora do processo. Da mesma maneira, a noção de “talento” do jornalista faz parte de uma formulação subjetiva e anterior à profissão, referindo-se a supostas habilidades inatas que fazem do indivíduo um bom profissional da área. Estas lógicas são anteriores aos comportamentos e percepções construídas já no processo interno de formação do caráter, mas atuam diretamente no mesmo.

Já a existência de mecanismos de controle do processo da notícia; a percepção de falta de rotina no trabalho jornalístico; o critério de seleção dos profissionais e a formação “prática” do caráter do jornalista são construções analisadas no seu processo interno, nos modos de *fazer* e nas definições do *ser* jornalista.

Entre os jornalistas entrevistados, um fato chama logo atenção: o pertencimento destes profissionais a famílias de classe média e cuja leitura, escrita e acesso aos meios de comunicação de referência de suas épocas foram influenciadas pela formação educacional e familiar. Isso não significa dizer que esta influência é condicionante de uma escolha pelo jornalismo, mas o *capital familiar e escolar* dos entrevistados tinha como mecanismo de distinção a influência da leitura, escrita e mídias e a continuidade, em casa, do acesso a livros, revistas, pesquisas, enciclopédias, filmes, documentários e materiais fornecidos tanto pelo universo escolar quanto pela mídia. Assim, os capitais *escolar e familiar*, que são importante influência nos caminhos de um indivíduo, por fazerem parte da formação do caráter do indivíduo, ajudam a “sugerir” a profissão de jornalista a um grupo específico da sociedade que consegue ter acesso a bens simbólicos e práticos que os torna capazes de exercer tal função.

A disponibilidade da leitura contínua do jornal e acesso a outros meios de comunicação criou para os entrevistados a possibilidade de pensar no jornalismo como uma possibilidade de campo de trabalho. Ou seja, tendo acesso ao meio de comunicação por conta do *capital familiar e escolar*, foi possível que se construísse um *habitus*, uma oportunidade de usar desta rotina para participar daquele campo, o do jornalismo (Bourdieu, 1977:190).

A prática do acesso em casa aos meios de comunicação revela bem mais do que apenas um hábito isolado daquelas pessoas. Existe neste acesso a possibilidade de isso se tornar sua profissão, pois este acesso se limita a um grupo social capaz de “ler o código” criado pelo veículo. O acesso econômico e cultural a um meio de comunicação cria mecanismos distintivos de aproximação com o mesmo.

Esta rotina traz à tona uma prática que coloca aquele grupo social em uma posição com relação aos demais grupos sociais e cria em torno desta prática uma postura estruturada socialmente de acesso e uso do meio de comunicação (*habitus*) por um grupo que o escreve e outro que o lê, ambos influenciando um ao outro (*campo*). Aqueles de um mesmo *habitus* e *campo* se reconhecem por suas práticas e por sua posição intelectual no campo:

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como ‘escolhas’ da ‘vocação’, e muitas vezes consideradas efeitos da ‘tomada de consciência’, não é outra coisa senão o habitus, sistema de disposições inconscientes que constituem o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas. (Bourdieu, 1977:201, 202)

A escolha de certas carreiras pode ser determinada num campo de

possibilidades e impossibilidades associadas a cada tipo de posição na estrutura social e, por esta via, chegar no sistema dos fatores objetivos que contribui para definir as trajetórias biográficas mais prováveis para as diferentes categorias de agentes. (Idem, 1977:202)

Carreiras ficam num sistema de posições estruturalmente pertinentes. Ou seja, certas profissões mantêm a estrutura, o padrão social e escolar da família à qual o indivíduo pertence, numa manutenção da estrutura de poder nas carreiras

escolhidas por certos grupos. Nesse sentido, há na trajetória pessoal do indivíduo um leque limitado de possibilidades de atuação profissional, todas visando manter a estrutura familiar numa posição econômica, social e cultural igual àquela de todos os outros membros. No caso dos jornalistas, a profissão está disponível no “leque de oportunidades” das carreiras para aqueles das camadas médias urbanas.

O processo externo de definição do jornalismo como carreira também possui outro componente: o talento para o jornalismo. Palavras como “talento, faro, sorte, dom, curiosidade” estão presentes tanto nas entrevistas quanto em inúmeros textos que abordam as características do trabalho e do profissional do jornalismo.

Este dom, estas qualidades “extras” não são adquiridas no meio acadêmico; pelo contrário, elas parecem ter sido oriundas de virtudes inatas do indivíduo, portanto são consideradas habilidades “naturais”. E elas serão testadas e aprimoradas na prática da profissão, na qual o profissional tem a chance de mostrar aos outros este talento ao escrever bem, ter faro para investigar os fatos, ser curioso para produzir perguntas relevantes etc.

A habilidade de o jornalista escrever com clareza, de “dominar sua língua, escrever bem” (Noblat, 2002:78,79) é, nesta concepção, inerente a ele e é aprimorada no processo interno de formação. Quem define o que é escrever bem é o próprio grupo que, no seu dia a dia, julga as matérias dos colegas e cria critérios internos de mérito na apuração e forma da notícia (Travancas, 1993). Assim, o talento do jornalista “nasce com ele” e é aprimorado e julgado com base nos critérios do grupo em que atua.

Assim como a definição interna de “como escrever bem”, também há uma lógica interna de construção dos fatos em notícias através de sua seleção, apuração e edição. Há, em todos os meios de comunicação, critérios de seleção sobre quem irá escrever certa notícia, seu destaque no jornal, a maneira como aquela notícia será retratada e o modo como ela será escrita. Ou seja, há procedimentos de rotina instrumentalizados para que as ações do grupo tenham uma coerência e funcionem dentro de uma lógica comum.

Em momentos como a ditadura militar, os entrevistados conseguiam definir mais claramente os critérios de edição interna e externa que viabilizavam a publicação de uma notícia, embora em todos os outros momentos sociais de atuação do jornalista existam critérios de seleção daquilo que é notícia, como ela é dita e escrita. Segundo um jornalista que começou sua atuação ainda nos anos da ditadura e que permanece na profissão, “sempre existiu o que chamamos de ‘tesoura’, um modo do editor, do chefe de redação ou quem quer que seja o responsável pela edição final do jornal alinhar o texto do jornalista com a linha editorial, seja na época da ditadura ou nos dias de hoje”.

Para citar alguns procedimentos de rotina que surgiram nos depoimentos, destaco como mais frequentes as reuniões de pauta, onde são definidos os fatos que serão apurados ao longo do dia e que jornalistas irão fazê-lo; a seleção do tamanho que a notícia irá ganhar e, portanto, a definição do texto do jornalista conforme o espaço que lhe é dado para escrever; e a “tesoura” do editor, que adapta o texto conforme seu entendimento, para adequá-lo à linha editorial.

Este exemplo de rotina de confecção da notícia não é assim entendido pelo próprio jornalista no seu discurso, pois as entrevistas revelaram que há uma ideia de que “o jornalismo não tem rotina”. Mas o que querem dizer com isso é que todos os dias há notícias diferentes a serem tratadas, o que não significa que não haja uma rotina quanto aos procedimentos para escolha, apuração, edição e divulgação das mesmas.

Existe no modo de fazer jornalismo um dia a dia que parece novidade, pois, a cada dia, há um novo fato com potencial de ser coberto, mas os procedimentos de escolha, apuração, escrita e finalização da escrita têm sua formalização e sua formatação. Nesse sentido, os critérios do jornalista sobre o que é rotina não contemplam uma prática que é rotinizada. É que o discurso interpreta como falta de rotina apenas um dos aspectos do trabalho e não leva em consideração procedimentos bem definidos e usados cotidianamente nas práticas do grupo.

Para manter esta ordem, “esta rotina de não ter rotina”, nas palavras do próprio grupo, os profissionais são escolhidos para integrarem o grupo sob

critérios também “internos”⁷, ou seja, o modo de contratação de pessoas também é peculiar.

Normalmente jornalistas são contratados por indicação de outros profissionais que já atuam no veículo, “porque a pessoa já te conhece, já sabe das suas habilidades, da sua competência, do seu talento”, define uma jornalista cuja atuação iniciou nos anos 1980. Outro jornalista, da época anterior, completa: “temos que escolher aqueles que são dos nossos, quem terá facilidade de trabalhar aqui”. E, ainda, segundo uma profissional da geração mais atual, “não há como saber se um jornalista é bom pelo papel, pelo currículo, só dá pra saber quando ele coloca a mão na massa e corresponde à pressão da redação”.

Sob esse aspecto, o grupo seleciona os profissionais com potencial de participarem do que Isabel Travancas, em “O mundo dos jornalistas (1993)”, classificou como sendo um mesmo “estilo de vida”, e uma mesma “visão de mundo” sobre o grupo, sua formação, atuação e valores.

Ingênua ou não, já que, segundo Pierre Bourdieu, os profissionais do jornalismo se voltam para percepções e discussões internas, achando que têm força de atuação sobre suas práticas e sobre o veículo em que atuam, enquanto as empresas que os contratam se beneficiam deste trabalho voltado para o âmbito interno por ser ele menos questionador dos processos externos de controle que estes meios de comunicação exercem na sociedade (Bourdieu,1997), é esta a percepção sobre os “talentos” que são selecionados para a inserção no grupo.

O “mundo dos jornalistas” é inventado e reinventado com foco nas práticas internas e, portanto, alguém se torna jornalista efetivamente após rituais criados no ambiente de trabalho. Mesmo os talentos e influências externas só fazem sentido quando colocadas à disposição das práticas construídas e entendidas como internas. O quadro comparativo a seguir busca sintetizar fatores que representam e fatores que não representam o “caráter do jornalista”:

⁷ As ideias de práticas e critérios internos e, portanto, específicos do grupo para formação do grupo e do seu caráter são construídas a partir do discurso do próprio grupo e não devem ser entendidas como práticas e critérios absolutos e exclusivos; são apenas aqueles reivindicados como legítimos e formadores da identidade, do perfil, das ações, do pertencimento do jornalista.

Fatores que representam o caráter do jornalista	Fatores que não representam o caráter do jornalista
“Prática”	“Teoria”
Local de trabalho, ambiente interno	Universidade, ambientes e materiais acadêmicos e formais, ambiente externo
Dom, talento para a escrita, faro jornalístico	Influência dos capitais <i>escolar</i> e <i>familiar</i> e de pertencimento a uma classe social
Grupo de jornalistas	Público geral, senso comum, sociedade
Objetividade, verdade	Subjetividade, narrativa, interpretação social dos fatos
Imparcialidade	Parcialidade
Falta de rotina no trabalho	Mundo do trabalho rotinizado

Quadro 2: Comparativo inicial dos fatores que representam e não representam o “caráter do jornalista.

2.9.

A importância dos traços comuns: encontrando um recorte para o “caráter”

Como havia mencionado anteriormente, há, sim, fatores que podem diferenciar jornalistas entre si, mas o que se mostrou bastante relevante nas primeiras entrevistas com jornalistas que trabalham ou trabalharam em jornais do Rio de Janeiro é que elas apontaram um relevante traço comum entre os jornalistas das diferentes gerações e que identifico como parte bastante definidora do caráter do grupo, uma especificidade que mostra que eles são um grupo que continua a reforçar suas características e a criar traços distintivos e específicos do grupo e continuam a reforçá-los com o passar do tempo.

Este critério comum ao grupo profissional, independente do recorte geracional, ajudou a pesquisa a seguir adiante. Vamos a ele.

Foi possível identificar nas entrevistas o discurso e a descrição de critérios tidos como “práticos” como sendo essenciais para a formação do caráter do jornalista. Além disso, todos os entrevistados citaram modestamente suas disciplinas acadêmicas, professores, bibliografias e teorias usadas no período universitário, bem como materiais formais como Manuais de Redação ou protocolos oficiais, como sendo aquilo que os ajudou a formar a sua base profissional e o seu caráter.

Foi da pouca lembrança ou ênfase aos tempos, disciplinas, professores e discussões universitárias que foi possível identificar que os temas de cunho teórico, formal e/ou oficial eram citados, mas não priorizados e entendidos como definidores do modo de *ser* e *fazer* jornalismo.

Era comum ouvir entre os jornalistas frases que explicitavam o aprendizado do jornalismo “na prática”. Em frases como “tudo o que eu aprendi, eu aprendi na prática”. Esta “prática”, definição do jornalista para o aprendizado no ambiente de trabalho, local onde se vê, sente e pratica a atividade, se dava em oposição à teoria acadêmica, aos aspectos formais da profissão e a elementos externos ao grupo. Esta “prática” era uma descrição de critérios que eram expostos como dando sentido às ações e identidades construídas pelo grupo dos jornalistas.

A relação do grupo com sua construção de “prática” está ligada a uma visão de dentro pra fora: ou seja, das redações e demais locais de trabalho se cria a atuação e interpretação sobre o ambiente externo. As relações com a “teoria” e a “sociedade” são tidas como fatores externos com os quais o grupo tem que lidar em segundo plano. A construção de uma ideia de “prática” e de “local de trabalho” criam respectivamente uma interpretação de modos de agir como sendo específicos do grupo (*ser*) e das especificidades das ações e locais de atuação (*fazer*).

O que se pode ver desta interpretação é que o jornalista inicia sua definição de existência e de atuação a partir da ideia de um núcleo que se espalha para fora, de um mundo dos jornalistas que quer se ver a partir de critérios distintivos do grupo, sendo ali onde se encontram suas características marcantes. Não é que estes fatores tidos como externos e teóricos não existam ou não influenciem o grupo, mas eles não são reivindicados de modo enfático como marcantes do modo de *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

Para Marshall Sahlins (2007), não há, de fato, uma ordem prática capaz de operar sobre um grupo. O que há é uma criação arbitrária de definição do que se quer definir como “prática” e, a partir desta definição, revestir esta ideia de “prática” de critérios e conceitos necessários para sua existência.

Sob este aspecto, os jornalistas se revelam “agentes que desenvolveram suas próprias normas e valores discursivos. (...) [e] o modo jornalístico de escrever tornou-se caracterizado por estratégias e práticas discursivas específicas” (Chalaby, 1996:303).

Os jornalistas criam um ambiente de invenção da realidade exatamente por julgar que há um movimento de dentro pra fora: da prática sendo a formadora das opiniões, da construção de relações e de processos de comportamento e identidade.

Nesse sentido, o “caráter” do jornalista é percebido pelo grupo através de ações e identidades criadas e reconhecidas dentro do grupo e estão relacionadas mais fortemente à construção de uma ideia de “prática”. Assim, essa autoimagem e autonarrativa que o jornalista produz sobre si mesmo alicerçam a forma como ele constrói e reconstrói seu caráter.